

ARTIGO

APRESENTAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E METAFORIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS: REFLEXÕES INTERDISCIPLINARES

Resumo

O presente texto trata das dimensões antropológicas, históricas, econômicas, políticas e jurídicas das fronteiras, bem como as razões que as tornam cenários tão complexos, quer por sua configuração multifacetada, quer pelos modos como é representada e metaforizada. As metáforas da e sobre a fronteira constituem expressão das representações incorporadas a partir de apresentações mediatas e mediadas, portanto, mostram-se metodologicamente relevantes como pontos de partida para compreender a complexidade das fronteiras. Desta forma, torna-se importante a abordagem de alguns aspectos ontológicos das fronteiras, como as características que se situam na materialidade comum às diferentes fronteiras. Outro aspecto desta abordagem, diz respeito às diferentes concepções ou representações que os sujeitos sociais constroem sobre elas com base nas suas expectativas, experiências ou interações sociais. Por fim, as metáforas como expressão das duas instâncias ou dimensões (apresentação-representação) do processo de construção do conhecimento e, por conseguinte, das bases para a comunicação social. É evidente que essas três dimensões não estão separadas, a não ser por razões de ordem didática, visto que se sobrepõem, integram e, mesmo, retroalimentam: as próprias metáforas alimentam as apresentações.

Palavras-Chave

Fronteiras; representações; metáforas.

Abstract

This text is related to the anthropological, historical, economical, political and juridical dimensions of the frontiers. It pursues to understand what makes them such complex scenarios, being for its multifaceted configuration or the means metaphors and representations are constituted on its basis. Metaphors from and about the frontier express incorporated representations from mediate and mediated presentations, for what they are methodologically relevant as starting points to comprehend the complexity of the frontier. Thus it is important to approach some ontological aspects of the frontier, such as the characteristics situated in the common materiality of different frontiers. Another aspect of this approach is related to different concepts and representations that social subjects build over them based on their expectations, experiences or social interactions. Ultimately, the text study the metaphors as expression of the two instances or dimensions (presentation-representation) of the process of knowledge construction and consequently of the bases for social communication. It is evident that these three dimensions are not apart except for didactic reasons once they are juxtaposed, integrated and even retro-alimented: metaphors aliment presentations.

Keywords

Frontiers; representations; metaphors.

* UNIOESTE – Foz do Iguaçu / e-mail: ijdt@compubras.com.br

Introdução

Não parece difícil admitir, ou compreender, que as fronteiras constituam-se como realidades bastante complexas, considerando os diversos aspectos que manifestam em sua configuração: ao lado de coordenadas de espaço e tempo, apresentam dimensões antropológicas, históricas, econômicas, políticas e jurídicas, entre inúmeras outras. Não deixa de ser importante, portanto, refletir a respeito das origens e possíveis causas destes múltiplos aspectos, até mesmo na expectativa de chegar à conclusão de que a “fronteiridade”, em sua essência, depende do olhar de quem a descreve ou vivencia. Objetivamos, assim, tecer algumas considerações sobre as razões que tornam a fronteira esse cenário complexo, seja pela sua configuração multifacetada, seja pelos modos como é representada, seja por sua expressão, geralmente metafórica. Essa discussão dos múltiplos aspectos que a caracterizam procura questionar a possibilidade de encontrar um aspecto que se configure essencial na sua configuração, ao mesmo tempo em que busca entender quais seriam possíveis determinantes dessa complexidade. Ao levantar esses diferentes aspectos possibilita-se o apontamento de diversas frentes de investigação que, no seu conjunto, podem contribuir para um entendimento mais consistente a respeito desse cenário. Partimos do pressuposto de que as metáforas, por se constituírem expressão das representações incorporadas a partir de apresentações mediatas e mediadas, mostram-se metodologicamente relevantes como pontos de partida para compreender a complexidade das fronteiras.

Assim buscamos, primeiramente, levantar determinantes ontológicas, ou seja, características que se situam na materialidade comum às diferentes fronteiras. No segundo momento, examinamos diferentes concepções ou representações que os sujeitos sociais constroem sobre elas com base nas suas expectativas, experiências ou interações sociais. Observe-se que esta segunda tarefa – representação – é construída, ou constituída sobre as bases da primeira – apresentação -, ou seja, sobre o conjunto dos aspectos que a fronteira apresentaria em sua existência própria ou em como é editada pelos interlocutores na interação social. Somadas, essas duas instâncias ou dimensões do processo de construção do conhecimento fornecem as bases para a comunicação social e sua expressão se manifesta, muitas vezes, através de metáforas. É preciso compreender, no entanto, que essas três dimensões apenas se separam por razões de ordem didática, visto que se sobrepõem, integram e, mesmo, retroalimentam: as próprias metáforas alimentam as apresentações.

Observamos que um estudo dessa natureza parece exigir uma abordagem se não interdisciplinar,¹ pelo menos multidisciplinar, de modo a não esfacelar teórica e metodologicamente um objeto que, por sua natureza, apresenta-se dinâmico e complexo. Martins (2009, p.11), por exemplo, aponta que o sentido da fronteira não se resume ao aspecto geográfico porque representa muitas e diferentes coisas: “fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, *fronteira do humano*.” Assim, a forma mais pertinente para captar sua possível essência parece residir na própria configuração multifacetada, ou seja, é próprio da fronteira desafiar o investigador por seus diversos aspectos que ora se relevam, revelam ou escondem e, por isso, sua abordagem parece exigir que seja realizada com base em diferentes áreas do conhecimento, pelo menos as que se debruçam sobre questões que envolvem o homem, a sociedade e a linguagem, que poderiam ser, pelo menos teoricamente, inscritos no grande campo das Humanidades.

Assim, as reflexões aqui apresentadas sobre as fronteiras² se pretendem interdisciplinares no limite em que uma formação na área das ciências da linguagem e a experiência como coordenador de um Curso de Mestrado Interdisciplinar na área de sociais e humanidades permite. Significa que devem ser interpretadas dentro desse contexto de produção. Além disso, nosso estudo não permite inscrever-se com facilidade nas configurações convencionais das publicações: situa-se nas fronteiras entre artigo científico, ensaio, relato de experiência e similares. Possivelmente, isso incomode em certo sentido, mas a “quebra” de padrões, se nada acrescenta à divulgação do conhecimento, pelo menos faz pensar que há diferentes modos de produzi-lo. Ainda que isso possa significar perda de credibilidade e que o único (de)mérito do texto seja uma abordagem pretensiosamente interdisciplinar, pelo menos indicamos alguns pontos de partida, quem sabe de chegada, para aqueles que pretendem “aventurar-se” em desafiar as fronteiras das disciplinas para disciplinar as fronteiras.

1 Não entraremos, aqui, na especificidade do conceito, por sinal, bastante controvertido. A obra de Philippi Jr e Silva Neto (2011) é bastante completa nesse sentido.

2 Por razões de delimitação e, principalmente, do lugar de onde partimos, a maioria das reflexões restringe-se à região conhecida como Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina), talvez a mais conhecida ou reportada entre outras doze configurações fronteiriças semelhantes, como, por exemplo, a que existe no extremo norte do país entre Brasil (Roraima), Venezuela e Guiana.

Pelo que dissemos até aqui, torna-se relevante refletir, ainda que preliminar e ousadamente, sobre as origens e as possíveis determinantes dessa complexidade que a linguagem nas suas limitações e potencialidades procura captar e expressar, mesmo que isso signifique recorrer às metáforas. E isso incorre imediatamente nas diferentes facetas que aparecem relevadas (ou sufocadas) por diferentes enunciadoreis. É importante compreender que o sujeito do discurso – aquele que se pronuncia, oralmente ou por escrito –, ainda que se queira mostrar objetivo e imparcial, acaba inscrevendo nas palavras o lugar social de onde fala, a sua história de vida, a sua visão de mundo, o seu modo de compreender a realidade em que se insere. Ou seja, inscreve seu discurso nas representações sociais que, segundo Spink (1993, p. 300), são

formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias —, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção.

A autora situa o conceito na Psicologia Social, mas compreende sua natureza transdisciplinar originada da Psicologia Cognitiva, da Antropologia, da Sociologia e de áreas afins. Não vamos entrar aqui no mérito de um conceito específico; basta compreendê-lo multi, trans ou interdisciplinarmente como conhecimento prático, particular ou individualizado, que se origina ou é construído com base nas interações sociais (o ser humano vive em sociedade), objetivando proporcionar meios para sustentar comportamentos e a comunicação entre sujeitos socialmente situados.³

Nesse universo da relação entre o sujeito social, a linguagem e o mundo, a apresentação e a representação das fronteiras passam pelo crivo de quem se pronuncia a respeito, do lugar social de onde fala, dos interesses que pretende proteger ou divulgar, isto é, ainda que se trate da mesma forma lingüística (fronteiras), da mesma palavra, do mesmo conjunto e sequencia de letras ou fonemas, cada uso torna-se particular e particularizado em função do que até então se disse, das circunstancias em que a palavra foi proferida, além das intenções (mais ou menos conscientes) de onde partem. Como consequência imediata dessa contextualização constrói-se a representação – individual e coletiva – da fronteira consoante os olhares, intenções

3 Para uma abordagem da genealogia e dos fundamentos do conceito de representação social, pode-se consultar, por exemplo, os Artigos de ALEXANDRE, Marcos (2004) e RÊSES, Erlando da Silva (2003).

e experiências do homem e da sociedade que nela convivem ou dela se apropriam. Isso leva a compreender que a apreensão subjetiva de uma realidade (supostamente) objetiva – porque socialmente compartilhada e assumida – passa a ser efeito das práticas socioculturais dos indivíduos que a procuram representar. Dessa forma, a fronteira revela sua complexidade justamente ao manifestar, esconder, ou sobrepor estes diversos aspectos e dimensões que, pelo menos intuitivamente, ali se fazem presentes e, de alguma forma, refletem-se na linguagem ou nos conceitos que a pretendem expressar discursivamente.

Sabemos que a linguagem é, por princípio, polissêmica, indeterminada, objetiva e subjetiva ao mesmo tempo e, desse modo, dificilmente consegue representar integral e satisfatoriamente o que o enunciador quis dizer: significa que as palavras não denotam, como na lógica, definida e precisamente uma entidade sem qualquer risco de ambigüidade ou retaliação. Nem por isso a comunicação se torna impossível e nem por isso qualquer discurso se mostra sempre vago ou impreciso. O que pretendemos realçar é que as palavras no discurso, ao pontuarem determinado aspecto de certa realidade, fatalmente deixam outros na penumbra. Considerando a representação em sua natureza mental e psicológica como conceito ainda prévio, embasado no senso comum, a linguagem que pretende expressá-la conseguirá refleti-la de modo um tanto quanto impreciso e o sujeito recorre, então à metaforização, concebida como processo de pensamento e ação, cujo princípio reside em relacionar estruturas diversas de modo a expressar o desconhecido em função de uma realidade já conhecida. Nessa ordem de raciocínio, a metáfora relativa às fronteiras também reflete um modo de concebê-la e a sua manifestação no discurso pode revelar em que bases foi, ou é, pensada pelo enunciador, compreendido como sujeito do discurso que fala a partir de um lugar social construído na interação entre sua história e as experiências discursivas em que interage. Assim, a metaforização da fronteira deve ser compreendida nesse sentido de modo a que o seu aspecto figurativo ou artístico não seja o seu componente essencial, ainda que reflexo de um modo de pensar.

Pode-se dizer que o pensador grego Aristóteles já apontara para a teoria que, atualmente, vincula a metáfora ao processo cognitivo, compreendendo-a como modo de pensar uma realidade e, mesmo, de agir sobre ela. Lakoff e Johnson (2006, p.71) dizem que “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos é, fundamentalmente, de natureza metafórica”. Antes, portanto, de se tratar de um procedimento de criação lingüística ou de embelezamento do discurso, a metaforização está vinculada à relação entre realidades, físicas ou ficcionais, que, de alguma forma, apresentem, ou poderiam apresentar, algumas características simila-

res aos olhos do observador. Implica, portanto, pensar alguma coisa em termos de outra, geralmente associando a mais recente, a mais nova, a menos conhecida com algo já dominado discursivamente. E como este modo de pensar somente se dá via linguagem parece natural que a metáfora, agora na sua condição de expressão, já seja efeito desse processo. A reflexão de Ricoeur (2005, p. 149) encaminha-se na mesma ordem de raciocínio: “a metáfora não é senão uma das táticas que resultam de uma estratégia geral: sugerir alguma outra coisa do que aquilo que é afirmado”, o que reforça a ideia de que a metáfora não é substituição, nem mera transferência de sentido: a metáfora, ao relacionar duas entidades, sempre destaca um ou outro aspecto, implicando que, necessariamente, outro ou outros permaneçam mais ou menos ocultos. Uma alternativa interessante é, então, perscrutar as diferentes dimensões envolvidas em fronteira com base nas metáforas, considerando que nem sempre conseguem representá-la adequada ou fielmente. Assim, as metáforas se apresentam como base analítica bastante reveladora⁴ para compreender as complexidades da fronteira. Até mesmo a Academia recorre a elas: “Aparentemente ingênua e natural, a fronteira é resultante de uma relação de força. E, nesse sentido, ela é uma *cicatriz* deixada na história mundial e na memória dos povos por ela divididos.” (CARVALHO, 2006, p. 60).

Metáforas da fronteira: possíveis origens e contextos

Uma primeira base de compreensão da fronteira parece residir na sua dimensão espacial que se define como “espaço entre”, em função de um lado de cá e outro de lá, ainda que um deles permaneça desconhecido ou indefinido. Dada a essa configuração de “entre”, permite metaforizar-se de modo a cobrir espaços no interregno de outras dimensões: o agora e o depois, o presente e o futuro, a civilização e a barbárie, por exemplo. A fronteira implica uma *zona indefinida* que decresce ou se amplia de acordo com a dimensão que o entre pretende ou poderia encobrir. Ao mesmo tempo, ou por isso, a fronteira também compreende uma característica de oposição, consoante o ponto de vista de quem se manifesta: oposição entre o bem e o mal, o lícito e o contrabando, o pioneiro e a vítima. Diferentemente do entre que assume

4 As metáforas aqui apresentadas não provêm de uma pesquisa específica, estruturada, formalizada; resultam da nossa experiência como professor e morador da fronteira, sendo captadas ao longo do tempo através de conversas, leituras e outras formas de interação. Nos dias em que estivemos escrevendo este texto, por exemplo, ouvimos um deputado federal entrevistado na rádio local dizer que Foz do Iguaçu é “quase uma ilha federal”, por considerar que do lado oeste delimita-se com as estruturas federais na divisa com o Paraguai, do lado norte com a BR277, rodovia federal, ao sul com a estrutura aduaneira (federal) na divisa com a Argentina e a leste com o Parque Nacional (federal), sem contar a delimitação com a Itaipu, entidade federal binacional.

uma caracterização de *continuum*, de espaço de transição, quando se trata de oposição acentua-se o caráter de linha divisória definida e definitiva: exatamente no ponto em que termina X é onde Y começa. Neste caso, a fronteira manifesta o seu traço de *linha divisória*, ainda que imaginária e artificial. Predomina um traço de estaticidade, de congelamento, de fim. É o que se mostra, por exemplo, na pintura das pontes entre Brasil e Paraguai e Brasil-Argentina: até na metade as pontes apresentam as cores da bandeira brasileira e a partir de então, de uma linha de corte, as cores das respectivas bandeiras daqueles países. Trata-se de uma convenção jurídica que define a linha que delimita a soberania de cada um dos países. Neste caso, literalmente, é possível ficar com a *fronteira sob os pés*.

Ao mesmo tempo, entretanto, a fronteira também compreende uma dimensão de “através” e, portanto, do *atravessar*: transparece a ordem do movimento, do dinâmico, do deslocamento. Agora é a passagem que passa a ser representada e a metáforização vai manifestar-se em expressões que adentram diferentes facetas da realidade e da realização humana: o *sair de para entrar em* manifesta-se em diversos campos para além dos geográficos. Por exemplo: atravessar a fronteira que separa as camadas sociais ou as classes econômicas, ainda que se procure defini-la com base em indicadores os mais precisos possíveis, não acontece de maneira instantânea e sequer abrupta: demanda passagem por níveis de escolaridade, poder aquisitivo, representatividade comunitária, poder político, cujos traços nem sempre se mostram claros e determinados. Em perspectiva um pouco diferente, mas ainda relacionada ao através, metáforiza-se a fronteira como *travessia para o Paraguai*, bastante comum na descrição dos latrocínios e especialmente no roubo de carros brasileiros que são levados, ou pela ponte da Amizade, ou pelo Lago de Itaipu para serem vendidos em solo paraguaio, muitas vezes pela metade do preço do seu valor de mercado. É, mais uma vez, a oportunidade e a viabilidade do “através de” que desencadeia esse tipo de atividade. É quando também aparece metáforizada como *corredor do crime* por onde entram e saem os mais diferentes produtos ilícitos.

Ampliando as reflexões sobre a fronteira, observamos que ela também implica paradoxos. Ao mesmo tempo em que saúda o estrangeiro ou o visitante, informa sobre a existência da Aduana e o conseqüente controle do tráfego, das pessoas e das mercadorias. Interessante observar que os movimentos de greve dos funcionários de órgãos públicos nessas instituições fronteiriças acontecem por meio da estratégia de *trabalhar dentro da lei*, fiscalizando com rigor todos os carros que atravessam, todas as mercadorias que são levadas ou trazidas, toda a documentação das pessoas que se movimentam em ambos os sentidos. Significa, paradoxalmente, que se trata de

um cenário em que o cumprimento da lei torna-se logisticamente impossível. Na ordem inversa, outro paradoxo: é provavelmente uma das poucas situações em que, pelo menos para o mototaxista, para o sacoleiro e para o comprista (travestido de turista) o melhor funcionário público é aquele que menos desempenha suas funções; em outras palavras, o melhor funcionário é aquele que não trabalha, pois assim não atrapalha. O cumprimento da lei dificulta seu modo de vida e a fronteira assume assim o seu aspecto de *terra sem lei*.

Não se pode deixar de considerar que a própria palavra fronteira já encerra uma metáfora: originada do latim *front* - para designar frente e, por contigüidade, frente, a palavra, dados os diversos traços de sentido de que se compõem, também assume conotações de confronto, enfrentamento. Além disso, compreende sentidos vinculados a limiar – limite extremo – o que favorece o estabelecimento de pontos extremos, de começo e fim, de fatalidade, inclusive: até aqui e nem um passo além. O mundo é dinamizado inclusive com base nestas fronteiras: as inscrições encerram-se à meia-noite; última data para submissão de artigos, prazo fatal para transferência de títulos, etc. Apesar da dimensão temporal agora em apreço, não se pode negar que se trata de uma fronteira no sentido de limite imposto: pode-se dizer que agora a fronteira assume uma conotação de *última barreira* que deixa atravessar quem respeitou as condições e acaba barrando aquele que, de alguma forma, deixou de cumpri-las.

Por necessidades que lhe impõe a comunicação, os usuários da linguagem também recorrem às metáforas como construções lingüísticas mais amplas, desta vez combinando a palavra fronteira com verbos e adjetivos metaforizados, explorando a riqueza dos seus traços de sentido. O conceito, por isso, mostra-se com extrema versatilidade semântica, articulando-se com verbos dos mais diferentes sentidos: *violar fronteiras, estrangular fronteiras, sensibilizar fronteiras*. Ao mesmo tempo, permite fazer-se acompanhar pelos mais diversos adjetivos de modo a assumir seu sentido de acordo com o que estes sugerem: *fronteiras secas, imaginárias, acadêmicas, religiosas, antropológicas*, entre outras. Finalmente, pode combinar-se com as duas categorias gramaticais, simultaneamente: *apagar as fronteiras ideológicas*, por exemplo. Trata-se de expressões que, de alguma forma, vinculam-se a relações de poder que se manifestam em cenários onde se confrontam entidades institucionalizadas ou em fase de instalação ou institucionalização.

De acordo com o presidente Lula (em pronunciamento durante a inauguração da UNILA), a fronteira é *um grande salão de visitas*. Trata-se de uma metáfora politicamente correta para a ocasião em que foi proferida, mas que poderia ser interpretada como certo grau de ingenuidade, em que não se faz a diferença entre o que a frontei-

ra é o que ela deveria ser, ou o que o então Presidente gostaria que ela fosse. *Salão de visitas* aponta para conversa leve, descontraída, num ambiente de recepção de amigos sempre bem-vindos. Com raras exceções, não parece que as fronteiras (pelo menos as internacionais) e menos ainda a fronteira entre Brasil e Paraguai seja similar a este desejo. Apenas em ocasiões previamente construídas, constitui-se como palco para representações diplomáticas em que é projetado, principalmente para a imprensa, um cenário descontraído em que os chefes de estado se reúnem para debater (ou conversar) sobre integração nas fronteiras ou consolidação do Mercosul. Não significa que o *salão de visitas* seja sempre ficção; significa, apenas, que ao olhar atento do observador não passam despercebidas as semelhanças e diferenças, ainda que teóricas, entre o que se apresenta, representa e verbaliza.

Por compreenderem a fronteira como lugar em que se apresentam e exteriorizam as diversas faces do ser humano, principalmente quem está vinculado ao universo da comercialização, os economistas consideram-na como *ambiente sensível aos humores da globalização* (ou das políticas econômicas). É o que se pôde observar em Foz do Iguaçu por ocasião da implantação do plano real, quando a supervalorização da moeda brasileira perante o dólar fez encarecer demasiadamente os produtos nacionais de modo a que argentinos e paraguaios imediatamente deixassem de abastecer seus mercados com produtos que sempre adquiriam na *região da Ponte*, ou *zona de Exportação*. Pode-se dizer, assim, que o comércio das fronteiras submete-se as políticas e decretos econômicos adotados pelos países limítrofes e, portanto, é sensível aos humores e rumores das políticas econômicas adotadas.

Para o pequeno agricultor, expulso pelo grande capital agrícola de sua pequena propriedade, a fronteira apresenta-se (muitas vezes lhe é apresentada) como *último recurso* para a sobrevivência: é a oportunidade para realizar pequenos serviços, principalmente transporte de mercadorias contrabandeadas. Inexperiente, entretanto, descobre que se trata de um ambiente perigoso e competitivo, onde não há muito lugar para a sinceridade e a honestidade: só os mais *experts* sobrevivem. Desde muito cedo, e isso inclusive as crianças descobrem,⁵ exige-se versatilidade (e certa malandragem) no inter(câmbio) que necessariamente acontece na região. Com a circulação das moedas paraguaia (guarani), argentina (peso), brasileira (real), todas elas vinculadas de alguma forma ao dólar – que também circula em espécie, e em grande quantidade

5 Crianças que comercializam pequenos produtos na região da Ponte da Amizade efetuam transações nas quatro moedas com grande desenvoltura e, com isso, muitas vezes, descobrem as possibilidades de ganho através do câmbio: como a escola nem sempre lhes oferece essa matemática financeira e, ao mesmo tempo lhes dificulta o exercício dessa atividade, muitas crianças preferem ficar longe dos bancos escolares.

– a mais insignificante transação comercial exige domínio da conversão cambial e, ao mesmo tempo, permite explorar, com grandes possibilidades de ganho, a ingenuidade ou o desconhecimento do comprador menos informado. Constrói-se, assim, a metáfora da fronteira como *dinheiro fácil* para alguns, e diante de uma experiência nada animadora, para outros torna-se *o pior lugar do mundo*.

Para grandes comerciantes, principalmente chineses, libaneses, turcos, brasileiros e de outras nacionalidades menos representativas, a taxa fixa de importação paraguaia, aliada à expansão mundial de produtos asiáticos (principalmente informática e eletrônicos), a fronteira Brasil-Paraguai representa oportunidade para a realização de ótimos negócios, ainda mais para os que sabem “driblar” o fisco e a fiscalização. Para o vendedor ambulante, por sua vez, tanto do lado brasileiro, mas principalmente do lado paraguaio, o grande fluxo de pessoas permite sobreviver do comércio nas ruas e calçadas de Ciudad del Este. O abastecimento dos camelódromos nas diversas cidades brasileiras também é fomentado por pequenos compristas que sobrevivem com base na diferença entre o preço do que compram no lado paraguaio e do que revendem no lado brasileiro. Nota-se, em todas estas representações, a visão de fronteira como *paraíso comercial* que favorece (e permite) a sobrevivência informal – sem registro nos órgãos comerciais e sem apoio na legislação. A consequência, especialmente para o Brasil, é um enorme contingente de trabalhadores informais que não encontram apoio legal na assistência trabalhista e previdenciária.⁶

Esse ambiente comercial pode tornar-se atrativo para agentes federais que solicitam transferência para a fronteira: possibilita-lhes aumentarem a renda mediante o acréscimo de adicionais vinculados à especificidade e periculosidade e, por vezes, escusamente, dado o universo de grandes transações que ali acontecem, interferir de modo a alcançarem outras vantagens. A apreensão de agentes públicos envolvidos em corrupção nessa esfera parece apontar a tríplice fronteira como ambiente propício (ou pelo menos convidativo) para atividades nem sempre recomendadas pela lei. É a metaforização da fronteira como *porta de entrada*, que se apresenta como oportunidade para “barrar ou deixar passar”, conforme a lei ou de acordo com os interesses.

Essa fronteira como área de comércio também aparece metaforizada nos outdoors ao lado das rodovias, nos saguões de hotéis, nas rodoviárias e aeroportos, como *paraíso das compras*, especialmente de produtos de informática, eletrônicos, bebidas, perfumes e de diversos produtos importados que na mesma ou em maior propor-

6 Esse cenário vem mudando um pouco ultimamente, principalmente com a aprovação da chamada “lei dos sacoleiros” que pretende regularizar a micro importação.

ção apenas seriam encontrados em Miami. A fronteira assume, assim, o seu lado publicitário, ou melhor, a representação que a publicidade lhe constrói ou atribui. Acrescente-se, na mesma ordem de lógica comercial o setor turístico que inclui o turismo de compras nos pacotes que oferece: com isso, muitas vezes, a ida ao Paraguai e à Argentina (esta em menor proporção) sobrepõe-se à visita às Cataratas do Iguaçu – marco natural e à Usina de Itaipu – marco da engenharia. São as representações de quem vê a fronteira de dentro – de quem nela reside e vive – vendendo uma representação de oportunidade de lazer, negócios e, por que não, de satisfação pessoal com a aquisição daquele produto com quem tanto sonhou. A fronteira como ambiente natural, bonito, encantador, em que os rios Iguaçu e Paraná se encontram, cada país tendo como referencia o seu “marco das três fronteiras” também acaba marginalizada. A realidade brasileira, pelo menos, revela que o ambiente da foz do rio Iguaçu tornou-se *patrimônio de ninguém*, ou melhor, de ambiente perigoso porque abandonado pelo poder público, que já não se aconselha ninguém a visitar. É o paradoxo da fronteira esquecida: configura-se como *área proibida*.

Saindo da mídia publicitária para a jornalística, novas e diferentes representações são construídas de acordo com o enfoque privilegiado nas matérias ou das questões que se elegem dignas de reportagem ou de notícia: local e regionalmente, a ênfase recai nas informações sobre apreensão de cigarros, drogas e armas, o que assume veiculação nacional quando se trata de números exorbitantes ou de situações mais ou menos inusitadas. Cria-se, agora, uma representação da fronteira como *região de contrabando*. Vinculado a esse universo de entrada de produtos ilegais, fomentando, ou sendo fomentadas pela criminalidade no país, tanto a mídia impressa quanto a audiovisual, diariamente, retratam *queimas de arquivos*, enfrentamentos entre usuários, traficantes e destes com as forças policiais, noticiando e retratando um *universo de medo e de violência*⁷. Assim, por que a fronteira se apresenta como facilitação para a prática do crime, é metaforizada como *rota, esconderijo ou mundo do crime*. A maior ou menor repercussão dessa ordem de produção midiática vai gerar essa representação entre aqueles que cultivam valores vinculados à honestidade e à legalidade, mas pode funcionar, paradoxalmente, como fonte de propaganda para quem sobrevive às margens da lei. Uma visita às prisões federal e estadual em Foz do Iguaçu pode dar a dimensão geográfica da origem dos presos que ali se encontram.

Articulado com esse ambiente comercial, a prostituição, inclusive a infantil, acaba se desenvolvendo porque as condições se apresentam favoráveis e, muitas vezes,

7 Por vezes, a região da tríplice fronteira também é metaforizada como fronteira do terror porque ali habitam muçulmanos que subsidiariam grupos terroristas no Oriente Médio.

pode ter origem onde o observador menos atento jamais esperaria. Admite-se que as regiões de importação e exportação, especialmente as portuárias, sejam elas fluviais, marítimas ou terrestres constituem-se em ambientes propícios para essa prática. Mas não se compreende, muitas vezes, que a falta de infra estrutura e de logística atrasam o comércio aduaneiro e assim propiciam – ou obrigam – uma estadia mais prolongada de caminhoneiros aguardando a liberação de produtos e, dessa forma, cria-se um cenário favorável para isso, metaforizando-se a fronteira como *antro de prostituição*. Acrescentem-se as greves, operações-padrão, protestos e se construirá um ambiente ainda mais comprometedor. Estreitamente vinculado a esse quadro, a exploração do trabalho infantil se dá, em linhas gerais, por conta do acesso e do sucesso das crianças em desenvolver *pequenas tarefas* nos entornos da Ponte da Amizade, o que, ao mesmo tempo, já as encaminha como freqüentadoras de uma *escola para o crime*.

Muitas metáforas ainda poderiam ser enumeradas, expressando o ponto de vista, a expectativa, ou a experiência de quem vive ou vem para (ou da) fronteira: a fronteira é *uma bagunça*, é *uma festa*, é *um sufoco*, é *um perigo*. Cada uma enseja interpretações que revelam determinados aspectos e ocultam outros, o que é próprio da metáfora. Quem diz que se trata de uma *bagunça* enaltece os traços de confusão, descontrole, desordem, e os que a representam como *festa* sobrelevam aspectos de muitas gente reunida, conversando, comprando e vendendo, bebendo, num caleidoscópio de vozes, cores e formas. Quem diz que se trata de um *sufoco* revela provável experiência de dificuldade, de esforço desgastante que implica movimentar-se entre carros, pessoas, polícia, vendedores ambulantes, conservando seu possível senso de humor e racionalidade. Do contrário, se a fronteira é um *perigo*, valorizam-se aspectos de roubos, assaltos, trapanças que são constantes e parece fazerem parte necessária do dia-a-dia nesse ambiente.

Considerando toda essa versatilidade e pluralidade de sentidos e usos, parece que a própria palavra fronteira esvazia-se de um sentido próprio, passando a depender do co-texto e do contexto para assumir suas significações, ou seja, por si mesma, ou em si mesma, a palavra já não representaria nada: a riqueza dos seus traços de sentido contribuiria, paradoxalmente, para sua saturação e conseqüente esvaziamento de sentido de modo que, ao significar muito (ou quase tudo) resultaria em significar quase nada. Fatalmente, a palavra parece estar condenada a representar o tudo e o nada ao mesmo tempo. No entanto, sua rentabilidade produtiva – nomes de cursos, programas, livros, revistas – aponta para o seu amplo universo de sentidos, o que passa a exigir a necessidade (paradoxal) de investigar sua abrangência ou, mesmo, seus limites.

Sem entrar no mérito filosófico a respeito de existência de uma realidade independente ou previamente à linguagem, é preciso ressaltar que as diversas faces (reais) que a tríplice fronteira apresenta nem sempre coincidem com aquelas em que são metaforizadas, pois a relação entre apresentação e representação passa necessariamente pela experiência de quem, de como e de quando interage neste cenário. O pesquisador deve estar atento, portanto: a metaforização passa necessariamente por uma relação dialética entre subjetividade e objetividade, uma vez que perpassa pelo sujeito social envolvido na sua interpretação da realidade e conseqüente apropriação conceitual, ainda mais por que embasada em representações do senso comum. Pode resultar, assim, em expressões mais ou menos elaboradas conforme experiências, crenças e valores sociais, sendo expressas numa linguagem que pode revelar construções próprias intencionais e interesseiras deste mesmo sujeito em suas interações sociais e verbais. É nesse sentido que o discurso se configura também como prática social constituída na relação entre a linguagem, a história e a subjetividade. Observe-mos o que diz Voese, (2003, p. 166):

Instituo, pois, a idéia de que a interação verbal representará a dupla possibilidade em que a reprodução do que pertence ao gênero humano viabiliza-se no exato momento em que ocorre também sua singularização, quando, na apropriação, o indivíduo interioriza sentidos genéricos e os processa singularmente, e, na objetivação, quando ele se vale de diferentes recursos expressivos para – mesmo sem poder evitar a generalização – conduzir o receptor a perceber não só o que é do nível do genérico, mas também as suas (do enunciante) singularizações.

Essa ressalva, entretanto, não desqualifica a linha de raciocínio que aqui perseguimos: podemos dizer que a representação se constitui como caixa de ressonância intermédia entre a apresentação e a metaforização: de um lado, como *input*, o sujeito social, num processo de interiorização, capta as impressões do ambiente (apresentação) através de diferentes sentidos – vendo, ouvindo, tocando – e de outro lado, como *output*, exterioriza, através de expressões da linguagem, geralmente metafóricas, estas suas representações. Desnecessário lembrar que todo esse processo (ou processamento) passa pela “filtragem” dos valores, crenças, opiniões e interesses caros ao sujeito do discurso. Metodologicamente, portanto, as metáforas constituem-se na face externa, “visível” das representações e, assim, com base nelas é possível escrutinar as complexas representações que circulam na e sobre a fronteira.

Considerações finais

Se a complexidade da fronteira compreende, ou se constitui nessa interatividade entre sujeitos e entre sujeitos e ambiente, compreender-se a sua multifacetariedade e, portanto, como objeto de estudo não parece que possa ser reduzida a um aspecto ou outro, numa tentativa cartesiana de subdividir o todo em tantas partes quanto necessário a fim de, compreendendo e descrevendo cada uma delas, tenhamos a configuração do objeto. A ciência atual vem questionando esse modo de assumir a constituição do todo, pois entende que ele é mais do que a soma das partes: significa que as relações entre estas e, inclusive, os espaços vazios que se constroem entre umas e outras também interferem na constituição da totalidade, por isso teoricamente sempre aberta, embora metodológica e artificialmente delimitada. As diferentes metaforizações aqui apresentadas poderiam, portanto, constituir-se como diferentes pontos de partida para a condução de pesquisas que, no seu conjunto permitiriam um olhar teórico mais aprofundado e abrangente dessa realidade. Mas justamente a noção de conjunto implica que se trata da expectativa de atuação em grupo – cada um dirigindo seu olhar para um mesmo aspecto -, e, ao mesmo tempo, com a destreza de olhar para o lado, observando em que medida o que um e outro investigam se relaciona com o que estão abordando.

Metodologicamente, portanto, um estudo dessa natureza envolveria um olhar para cima (ou para baixo) e outro para o lado. No sentido vertical, cada pesquisador conduziria (é o que já está fazendo) seu estudo num sentido de aprofundamento e de especialização no recorte escolhido até encontrar o limite em que a descrição de seu objeto assim construído exigiria o socorro de outras áreas do conhecimento. Isso significa que a própria complexidade do objeto impõe uma prática de horizontalidade, agora na busca de complementar as lacunas mediante a articulação com outras bases teórico-metodológicas. Essa horizontalização, no entanto, apresenta como desafio para o pesquisador a assunção de uma atitude menos dogmática em sua área de investigação (já estável) para submeter-se a uma experiência científica construída sobre bases interdisciplinares ainda não definitivas e, provavelmente, precisando ser constituídas. Significa assumir que uma abordagem interdisciplinar pressupõe especialistas com conhecimento sólido e aprofundado em sua área de conhecimento – verticalidade – porque, somente assim, saberão encontrar (mesmo que intuitivamente) os seus limites teóricos e metodológicos, encaminhando-se, então, para o estabelecimento de conexões laterais – horizontalidade – com outras (mas não quaisquer) áreas do conhecimento que consigam auxiliar na compreensão e descrição de seu objeto.

Nosso estudo deve ter, se não revelado, pelo menos indicado, que a fronteira, considerando suas bases ontológicas, representacionais e mesmo metafóricas assume características humanas, sociais e lingüísticas. E essa parece ser a sua essência. Desta forma, sua abordagem inscreve-se, até por princípio, nas diferentes disciplinas inscritas nas ciências humanas, sociais e da linguagem, pelo menos. Tarefa nada fácil, talvez impossível para um pesquisador individual. Ainda que seja teoricamente possível sonhar com uma perspectiva transdisciplinar do conceito de fronteira, não parece necessário ir tão longe a ponto de constituir uma interdisciplina – uma “fronteiriologia”; já seria um grande passo pensar e atuar em conjunto com outros pesquisadores, confrontar idéias, assumir limitações e, de preferência, construir conceitos, teorias e metodologias num processo interativo, academicamente articulado, até mesmo para orientar políticas públicas que, muitas vezes tornam-se sem efeito por serem projetadas setorial e desarticuladamente.

Recebido em setembro de 2012; aprovado em dezembro de 2012.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, M. Representação social: uma genealogia do conceito. *Comum*. Rio de Janeiro. 10 (23). Jul/Dez 2004. p. 122-138.
- CARVALHO, E. M. In: SCHÜLER, F.L e BARCELLOS, M. (Orgs.). *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo*. Porto Alegre. Sulina. 2006.
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. *Metáforas de la vida cotidiana*. Trad. Carmen G. Marin. 6ª ed. Madri. Cátedra. 2004.
- MARTINS, J. S. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo. Contexto. 2009.
- PHILIPPI JR, A. e SILVA NETO, A.J. (Eds.). *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri/SP. Manole. 2011.
- PRESIDENTE LULA. *Discurso durante aula inaugural da UNILA e cerimônia de assinatura do decreto de criação da Comissão de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira*. Foz do Iguaçu. 02 de setembro de 2010. In: <http://www.imprensa.planalto.gov.br>. Acesso em 05/03/2011.
- RÊSES, E. S. Do conhecimento sociológico à teoria das representações sociais. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, 6 (2). 2003. p.189-199.
- RICOEUR, P. A metáfora viva. Trad. Dion . Macedo. 2a ed. São Paulo. Ed. Loyola. 2005. (original: 1975)
- SPINK, M. J. P. The Concept of Social Representations in Social Psychology. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 9 (3). Jul/Sep 1993. p.300-308.
- VOESE, I. (Org.). *Linguagem em discurso: subjetividade*. Tubarão. Editora da Unisul. 2003. V.3. Número. Especial.

